

# A ESCRITA BIOGRÁFICA FEMININA CONTEMPORÂNEA: RESSIGNIFICANDO O EU DA INTERNET

CONTEMPORARY FEMALE BIOGRAPHICAL  
WRITING: RESIGNIFYING THE SELF  
FROM THE INTERNET

Manuela Cunha Peixinho

## RESUMO

Este artigo analisa aspectos que circulam no espaço biográfico virtual, dando destaque às produções em *blog*. Nesse sentido, é imprescindível abordar algumas questões, como a relação do tempo na escrita memorialística, a influência da recepção na escrita virtual e as especificidades dessa nova ferramenta biográfica. Além disso, destaca-se a inscrição identitária nos *blogs* pessoais de sujeitos desprestigiados socialmente, desmistificando a noção de que o sujeito tem uma identidade fixa. Aliando estudos de conceituados teóricos do campo biográfico, como Lejeune e Ricouer, às reflexões contemporâneas nesta área, como os trabalhos de Arfuch, Klinger e Sarlo, é analisado, neste artigo, o *blog* pessoal como suporte memorialístico, de Paula Lee, prostituta brasileira que vive em Portugal. Dessa maneira, podem-se observar as especificidades dessa modalidade de escrita, além de refletir sobre o afã contemporâneo em divulgar memórias particulares. Pensar nos novos suportes da memória é uma maneira de refletir sobre a nova constituição do indivíduo da modernidade, que esgarça as barreiras entre o ambiente público e o privado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autobiografia. *Blog*. Escrita feminina. Memória.

## ABSTRACT

*This article reviews aspects of the virtual biographical realm, emphasizing blog productions. In this connection, it is essential to address some issues: the relation of time in memorialistic writing, the influence of reception in virtual writing and the specificities of this new biographical tool. In addition, the identity inscription in the personal blogs of socially discredited subjects, demystifies the notion that the individual owns a fixed identity. By combining studies of renowned theorists in the biographical field such as Lejeune and Ricouer with the contemporary reflections in this area, such as those found in the works of Arfuch, Klinger and Sarlo, we reviewed in this article, the personal blog written like a memorialistic support by Paula Lee, Brazilian prostitute living in Portugal. In this way, one can observe specificities of this kind of writing, besides reflecting on the contemporary eagerness to release private memories. Thinking about the new memory supports is a way of reflecting on the new constitution of modern times' individuals who breakdown the barriers between the public and the private domain.*

**KEYWORDS:** Autobiography. *Blog*. Female writing. Memory.

Relatar e registrar a memória de um povo, de uma comunidade ou simplesmente de uma pessoa é prática corrente da cultura mundial. Por isso, as narrativas memorialísticas em livros (auto)biográficos, depoimentos, diários, dentre outros suportes de rememoração, funcionam como fonte de preservação do acontecido, reestruturação da história (muitas vezes, a partir do olhar diferente do dominante), ou meramente como uma espécie de catarse. O afã de transformar em linguagem o que se viveu é uma das molas propulsoras desse gênero narrativo, que hoje possibilita essa inscrição nos variados suportes virtuais.

É incontestável o espaço alcançado pelas (auto)biografias nas estantes das livrarias nos últimos anos. A curiosidade do leitor desse gênero textual transcende, cada vez mais, a vida de pessoas de grande notoriedade na sociedade. Paradoxalmente, os relatos dos sujeitos marginalizados pela história são um dos que mais têm destaque para o olhar *voyerístico*-leitor. A despeito do preconceito com sua profissão, a meretriz se mostra um sujeito que cativa o leitor em seus escritos memorialísticos.

É bastante recorrente a escrita de prostitutas em *blog*, a produção de livro autobiográfico e a midiatização para o cinema. O exemplo brasileiro mais conhecido é o de Raquel de Queiroz, conhecida como “Bruna Surfistinha”. Todavia, outros textos são encontrados e, muitas vezes, apreciados pelo leitor. É o caso de *Alugo meu Corpo*, de Paula Lee (LEE, 2008), que conta sua história como prostituta em Portugal; ela mantém hoje, três *blogs* e tem um livro autobiográfico impresso. Gabriela Leite, por sua vez, escreve duas autobiografias: uma produzida ainda na década de 90, *Eu, mulher da vida* (LEITE, 1992) e outra em 2009, *Filha, mãe, avó e puta* (LEITE, 2009). A partir desses escritos, por consequência, a autora teve um papel significativo para desmistificar a vitimização das prostitutas como mulheres financeiramente vulneráveis e, simplesmente, vítimas de uma sociedade machista e capitalista, tendo em vista que, apesar de ter cursado a USP, decidiu prostituir-se. Aguillara (2009) é uma brasileira do norte do país que vai ao Japão pesquisar sobre a prostituição e, por escolha, experimenta a vida no meretrício do oriente, deixando a descrição e a reflexão do momento vivido no livro *Fui Prostituta na Terra dos Samurais*. No livro *E se eu fosse pura*, Moira (2018), travesti, relata sua entrada na zona de baixo meretrício concomitante com sua vida como doutoranda em Letras pela Unicamp. Enfim, diversos são os textos memorialísticos de prostitutas brasileiras, e o público-leitor dessas escritas é cada vez maior.

Nessa perspectiva, este artigo discute sobre a construção de si de autoras-meretrizes em produções autobiográficas virtuais, especialmente nos *blogs*. Torna-se evidente a necessidade de se pensar no atual mundo do “*reality*”, em que se interseccionam ficção e realidade. Ademais, é imperativo observar como o espaço biográfico virtual do *blog* possibilita um meio em que as autoras podem expor-se e impor-se diante dos preconceitos enraizados na sociedade, não mais deixando sua história

ser contada por outros e sim tomando para si a escrita de sua própria narrativa.

<sup>1</sup> No livro *Elas por elas: gênero, memória e identidade* (PEIXINHO, 2019), são analisadas seis autobiografias de prostitutas-autoras, observando a construção da identidade feminina, bem como as especificidades de cada narrativa quanto a uma produção memorialística.

Levando em consideração os limites deste artigo, é salutar um recorte de análise<sup>1</sup>: será observado o *blog* pessoal de Paula Lee. Contudo, quando for pertinente, serão pontuados os escritos de outras autoras. A escolha pela produção memorialística desta autora se justifica porque seus escritos de si trazem um amplo material sobre suas vivências pessoais e profissionais, além de reflexões acerca das mais variadas temáticas que circulam pelo mercado do prazer.

Paula Lee é uma brasileira do Rio de Janeiro que decide prostituir-se em Lisboa (Portugal) e atua na zona de alto meretrício da cidade, ainda que recorrentemente informe que sua carreira está próxima ao fim. Ela tem uma produção impressa autobiográfica intitulada *Alugo meu corpo*, primeiramente publicada pela editora Dom Quixote em 2007 em Portugal, e posteriormente pela editora Planeta em 2008, no Brasil. Nela, para além de dicotomias que segregam a mulher de família e a prostituta, a autora se revela, ao passo que vai se (trans)formando diante das circunstâncias da vida.

Inicialmente, é fundamental compreender as concepções teóricas que norteiam este trabalho. Escrita de si, autobiografia e autoficção são termos que estão sendo, muitas vezes, utilizados como sinônimos, o que é um equívoco conceitual. É inegável que o afã de narrar a si não é uma modalidade particular da contemporaneidade, mas o desejo de discutir e revelar o íntimo em um espaço público tensiona a tradicional dicotomia dessas esferas, bem como delineia novas formas biográficas com certas especificidades. Entende-se, neste artigo, a autoficção na perspectiva de Klinger (2006), em que o autor é consciente da ficcionalidade de sua biografia, afinal, o escrito seria um ponto de vista rememorado e reconstruído por uma pessoa. Dessa forma, Klinger (2006, p.24) afirma que: “[...] a autoficção se inscreve no coração do paradoxo deste final de século XX: entre o desejo narcisista de falar de si e o reconhecimento da impossibilidade de exprimir uma ‘verdade’ na escrita”.

Já a autobiografia é considerada a partir da reflexão de Lejeune (2008), em que o elemento de diferenciação entre o ficcional e o biográfico é o pacto implícito ou explícito criado com o leitor de que determinada obra não é um romance ficcional. A despeito de ser ampla e, de certa forma, subjetiva, essa conceituação é a que mais satisfaz o terreno instável do real/imaginário biográfico.

Por sua vez, a escrita de si é entendida como a “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p.14). O âmbito social e o histórico se cruzam nesse individualismo do ser humano, tendo em vista que os sujeitos estão inseridos em contextos que influenciam, de certa forma, suas atitudes pessoais. Logo, o espaço chamado de biográfico é o conjunto de dados

que compõem o redor do autor, como todos os registros memorialísticos: entrevistas, biografias etc.

Neste complexo espaço que transcende o simples detalhamento do vivido enquanto fatos, Lejeune (2008) chama de “pactos indiretos” quando há a aproximação do romance e a autobiografia. Isso acontece em romances escritos em primeira pessoa do singular, como em *A casa dos budas Ditosos* de Ribeiro (1999). Na referida obra, o próprio escritor pontua que o seu livro é a publicação de uma carta que recebera de uma mulher e que ele só havia assinado. Pairam, no ar, algumas questões: quem seria o(a) autor(a)? Trata-se de um romance ficcional ou autorreferencial? Ou ambas as características estão presentes?

Consequência de um fenômeno social, a espetacularização do indivíduo se reflete não só na proliferação de redes sociais e espaços onde o “eu” de cada indivíduo se torna o protagonista, reflete-se também no espaço literário. Tem-se, então, a chamada guinada subjetiva entre a década de 1970 e 1980 (SARLO, 2007), em que há uma revalorização do relato em primeira pessoa, tanto em livros ficcionais de romance (quando protagonista é narrador-personagem ou mesmo com o uso do discurso indireto-livre), quanto em produções que relatam uma narrativa de vida. Dessa maneira, muitos autores elaboram livros de romances imbricando sua autobiografia, possibilitando, no mundo ficcional, a biografia de um ser “real” — mais uma vez, tensionando dicotomias pré-estabelecidas. Nesse sentido, torna-se fundamental retomar o pacto proposto por Iser (1983): autor e leitor devem estabelecer um acordo, em que este último deve ler o romance como se fosse real, mesmo sabendo de que se trata de uma ficção.

Pineau (2006, p.55) considera que o movimento de biografização contemporâneo inscreve-se “na ultrapassagem de um segundo limite, pós-moderno, de modernidade biológica, de uma revolução bio-ética e biopolítica, que atribui aos indivíduos a carga de construir sentido em sua vida”. Dessa maneira, ao escrever sobre o si, o sujeito ressignifica a sua vivência, atribuindo compreensão e estabelecendo conexões que preenchem as lacunas de sua vida. Em outras palavras, escrever sobre si é construir a si mesmo; é dotar-se de sentido.

Essas complexidades, por vezes, paradoxais perpassam pelo espaço biográfico desde a sua produção até a sua recepção. No que se refere à linguagem, sabe-se da impossibilidade de se apreender o real nela, afinal ela é apenas uma representação. Por sua vez, ao rememorar, dois elementos conflitantes se tocam: memória e história. Sarlo, nessa esteira, considera que “o retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, na captura do presente” (SARLO, 2007, p.9), afinal é justamente no presente que a lembrança se constrói e se concretiza. Nas produções de rememoração, a narrativa é construída no momento presente, retomando uma situação do passado e mirando nas consequências futuras. Sendo assim, entende-se que o tempo funciona

de maneira tridimensional, estando sujeito às lacunas da memória, aos interesses de quem escreve, além da recepção leitora. Não tem como antever a interpretação que um sujeito fará em uma determinada leitura, tendo em vista que cada leitor lerá de acordo com seus conhecimentos de mundo, horizonte de expectativa e local social (PINTO, 2004).

Mesmo estando materializado no mesmo indivíduo, o sujeito que viveu o que está sendo rememorado não pode ser considerado o narrador, muito menos um personagem: o narrador e o personagem são representações/criações do autor que protagonizou a narrativa. Corroborando com tal perspectiva teórica, Arfuch (2010, p.54, grifo do autor) afirma que para “[...] além da captura do leitor em sua rede peculiar de veridicidade, ela [a autobiografia] permite ao enunciador a confrontação rememorativa entre o que era e o que *chegou a ser*, isto é, a construção imaginária de ‘si mesmo como outro’”. Entende-se, dessa maneira, que, muito além da busca de uma verdade, a recepção de textos autobiográficos perpassa inicialmente por um pacto com o autor. Assim, o leitor, muitas vezes, aprende e se inspira com as vivências lidas e, em certo grau, cria um laço de cumplicidade confessional entre o autor, que no momento da leitura será virtual, e o leitor real.

Contudo, no tempo da escrita rememorada, o autor real escreve sobre um “si” imaginário para um leitor, até o momento, virtual. Logo, este é um meio privilegiado de reflexão, como destaca a autora-blogueira em estudo, Lee (2012a, *online*): “Meu blog é minha terapia, já disse isso muitas vezes: é aqui que eu descarrego, que eu coloco tudo para fora, que eu tento refletir sobre o que vivo e sobre o que sinto [...]”. Nesse sentido, para Paula, ao escrever sobre si, há uma maturação das circunstâncias vividas (ou não) de forma reflexiva e, por vezes, confessional. Não se pode, entretanto, desconsiderar que, por estar publicada em um *blog*, a postagem possui especificidades e questionamentos quanto a essa pretensa espontaneidade do discurso memorialístico.

Nessa esteira, Ricouer (2007) destaca que há uma dimensão discursiva da narrativa de memória, o que permite concluir que a escrita é persuasiva. Dessa forma, por ser discurso, as escolhas das palavras e do que dizer (e o que omitir) não são isentas do presente da enunciação. O tempo presente conduz o passado rememorado. Não se pode considerar, nesse ínterim, que a lembrança é apenas a narração do passado, afinal há uma reconstrução consciente ou não das lembranças. Ademais, o registro memorialístico também se afasta do real ao passo que se materializa na linguagem.

A noção de que o signo linguístico é arbitrário ecoa a partir dos estudos de Saussure (1970). Nessa perspectiva, há uma convenção social na relação entre um determinado termo, chamado de significante, e uma ideia, ou seja, seu significado. Muitas vezes, ao deslocar a mesma palavra de seu contexto de produção, têm-se novas interpretações. Logo, ao transformar em linguagem uma lembrança de vida, a experiência deixa

de ser ela mesma e passa a ser um conjunto de palavras (orais ou escritas) ou gestos convencionalizados, apenas simbolizando o acontecido. Em suma, há uma incapacidade de se captar o real através da linguagem.

Não se pode, entretanto, considerar falsa a produção baseada na memória. Antes, esta deve ser entendida como uma consequência das impressões de quem vivenciou determinada situação, aliada às expectativas quanto aos desdobramentos de sua escrita. Ademais, não se pode desconsiderar o importante papel do presente na ressignificação do passado. “Lidar com a história pessoal ou coletiva significa alçá-la à categoria de um texto que ultrapassa e metaforiza os acontecimentos, sem recalcar o valor documental e o estatuto da experiência que aí se inscrevem” (SOUZA, 2011, p.47). Essa representação do passado possui uma dimensão estética, instigando o prazer no leitor, bem como proporciona um espaço de aprendizado. Este é profícuo para estabelecer e repensar sobre a inscrição identitária do indivíduo ao longo de seu percurso, pois no texto autobiográfico o “eu” é quem se constrói e se afirma diante da história oficial; esta, então, é uma rica fonte para trazer novas versões do passado, em especial tensionando as narrativas históricas coletivas dominantes, podendo produzir um novo olhar — particularizado, não homogeneizante, o que denota e ressalta que a História é feita de histórias.

Hodiernamente, tornam-se mais recorrentes as situações em que os espaços privados e públicos se imbricam, dificultando o estabelecimento de barreiras que antes separavam tão marcadamente essas esferas. Fenômeno brasileiro e mundial, o chamado *reality show* é um exemplo de como as pessoas apreciam ver/conhecer o privado de outros indivíduos. Na televisão, há *reality* em que membro de uma família troca de lugar com outra para tentar se adaptar; outros em que confinam sujeitos diversos em uma casa de luxo a fim de ver com qual deles o público simpatiza; ou ainda os que colocam pseudo-celebridades em um espaço que, na teoria, não dominam, dando-lhes afazeres comuns — o que esgarça a barreira invisível de uma personalidade da mídia que também é uma pessoa comum.

Nesse ínterim, pode-se observar que, para essas midiatizações serem construídas e publicadas, o sujeito deve consentir sua exposição a conhecidos e desconhecidos, conscientes de que quem ganha o “jogo” é quem o público decide. Agradar o outro é desejo fundamental nessa aproximação entre o público/privado, muitas vezes, silenciando o próprio desejo em prol de uma aceitação, de um “like”. Almeja-se a aprovação, o amor de uma série de desconhecidos (tel)espectadores que, ao terminar cada episódio de seu *reality* favorito, incessantemente procura saber mais da intimidade daquela criação que ele acompanha. Quando se tem certo número de leitores e seguidores, afeta-se a conduta de blogueiros e blogueiras, como se observa na seguinte postagem de Lee (2012b, *online*):

Antes eu contava tudo no blog: pra onde ia, quanto tempo ia ficar fora, quando voltaria. Os leitores não só sabiam a

minha vida, como também conheciam bastante da minha agenda e dos planos futuros. Isso foi algo que tive que deixar de fazer; estava expondo certas coisas em demasiado, e isso estava me prejudicando. Vocês sabem como é: há pessoas que estão do nosso lado para nos dar apoio, como há aquelas que ficam obcecadas por nós, ou mesmo aquelas que usam tudo o que aprenderam contigo para usarem para fazer coisa errada

Não havia, inicialmente, uma distinção clara entre o leitor que simplesmente acompanhava a vida da blogueira (através do *blog*) e indivíduos que se tornavam “obcecados” por ela, não apenas por suas experiências compartilhadas. Por sua vez, ao desejar ultrapassar a tela do computador/celular e passar a ter contato presencial com o escritor de *blog*, estabeleceu-se uma relação que transcende a mera observação, deixando o leitor de ser apenas o espectador.

Há então uma dimensão dialógica, em que o indivíduo da contemporaneidade deseja ver o outro, ao passo de em que também tem prazer em ser visto. O voyeurismo, segundo o dicionário de fetiches de Schommer (2008), pode assumir quatro vertentes: (1) voyeurismo pornográfico, no qual instiga-se o desejo sexual ao mirar fotografias e/ou vídeos de pessoas nuas ou mesmo durante a relação em si; (2) voyeurismo presente, realizado através do consentimento do casal (objetos do desejo); (3) voyeurismo fotográfico, realizado principalmente por fotógrafos e diretores, ao indicar o direcionamento e poses de uma (um) modelo; e, por fim, (4) o voyeurismo oculto, que é o mais significativo para discutir sobre o “eu” e o outro no mundo virtual dos *blogs*.

O voyeurismo oculto se dá presencialmente ou virtualmente quando o sujeito está distante e/ou escondido do objeto de desejo; seja ele realizado com binóculos, seja através de uma tela de computador/celular. Essa tela, atualmente, cria um limite que transita entre o visível (do mundo material) e o invisível (do mundo virtual), possibilitando o “espiar” por cima dessa divisória ao entrar na *Internet*. Em cada *blog* pessoal que o indivíduo acessa, há a possibilidade de ele, na camuflagem do anonimato, ler sobre cada passo do(a) autor(a), por exemplo, saciando seu desejo (sexual ou não) de ver o outro, sentir-se próximo ao outro, sem ao menos este saber da existência do voyeur-oculto.

Sabe-se que, com o avanço e popularização da tecnologia, seja através do acesso à banda larga, seja pela compra de celulares com acesso à *Internet*, o que se publica em rede não fica no campo do privado, torna-se público. O espaço que era reservado para o particular, como nas escritas do diário, passa a ser público. Nesse jogo de “contar-se” para o outro no movediço espaço virtual, Lobo (2007) acredita que:

A causa para este *voyeurismo* seria, então, a mecanização, a previsibilidade e a hierarquização da sociedade, que fixam as pessoas em papéis dos quais não podem mais escapar,

Estabelece-se, no blog, uma relação dramática entre um batalhão de atores e de voyeurs, num processo imaginário de interação, em que falar da vida alheia não é um problema moral, mas uma questão pedagógica de aprendizado e sobrevivência no novo mundo pós-moderno da era eletrônica (LOBO, 2007, p.59, grifo do autor).

A palavra exibicionista, por sua vez, não se adequa aos autores dos *blogs*, tendo em vista que o exibicionista deseja revelar-se para alguém que não tenha solicitado, segundo Schommer (2008). Destaca-se que essa categoria não engloba o ato sexual na frente de estranhos, o que se chama agorafilia. O exibicionismo instaura-se no plano do imaginário, não na concretização sexual.

Pensando nas produções memorialísticas em *blog*, vale destacar que elas são produzidas com a intenção de serem lidas. Esse tipo de *site* se encontra na *Internet*, logo, só tem contato com o conteúdo aquele que tiver interesse em acessá-lo. Essa é uma das principais diferenças entre as autoras e a exibicionista. Ademais, no exibicionismo, não há um flerte ao mostra-se nu/nua, este se configura em um ato que tem a intenção de excitar apenas o exibicionista. Paradoxalmente, nos *blogs*, os posts tentam tanto revelar a vida de seu autor quanto cativar o leitor, que almeja saber mais sobre o campo privado do outro.

Não se pode obliterar o fato de que não são todos os *blogs* escritos por mulheres que têm o cunho autobiográfico. Tornou-se recorrente, hoje em dia, a produção de autoficção enquanto escrita consciente do(a) autor(a) para se referenciar em uma produção ficcional, no espaço virtual. Muitas vezes, inventa-se uma persona para ser a autora do *blog*. Quando o indivíduo se revela através de imagens e nomes criados, são considerados *fakes* virtuais. Nessa perspectiva, a autora real constrói um pseudônimo para assinar seus textos autorreferenciais, não tendo a intenção de retratar a realidade, pois entende a ficcionalidade de sua produção. Diante desse cenário suntuoso, paira no ar a seguinte questão: “qual é o limite entre a realidade e a ficção nesse escrito íntimo virtual?” (SCHITTINE, 2004, p.62). Não há uma resposta certa, não há limite definido.

As narrativas pessoais no ambiente virtual ultrapassam a mera descrição do cotidiano, independente se ela é autoficção, escrita de si ou mesmo autobiografia. Imbricam-se nos *blogs* de mulheres a escrita de situações corriqueiras, ponderações filosóficas, indicações de atividades culturais, reflexões sobre fatos históricos, entre outros. Além disso, há a impossibilidade da descrição de todas as experiências vividas, conforme Arfuch (2010). Registram-se, então, as impressões do vivido na reconstituição da memória, explorando o passado, agregando-lhe sentido e coerência. O tempo, nessa perspectiva, age não apenas como duração, mas também intensidade. Por isso, por vezes, faz-se necessária a indexação das postagens dos *blogs*, criando um título para cada registro ou separando-o em categorias. Costumeiramente, no *blog*, agrupam-se os posts pelo tempo (mês/ano); contudo, há a possibilidade da

sistematização dos textos publicados em períodos diferentes em uma mesma categoria, organizando-o pelo tema (HESS, 2006).

Um exemplo de organização temática é o blog pessoal de Paula Lee, em que há a indexação em categorias como: “acompanhamento x prostituição”, “quotidiano”, “perguntas dos leitores”, “vida dupla”. Seleciona-se, para estar em cada uma dessas categorias, as postagens que abordam, de alguma maneira, o mesmo tópico de discussão, independente de quando foi escrito.

Diante disso, torna-se um equívoco considerar o *blog* como uma simples variação do diário íntimo, afinal não há categorias temáticas neste último. Ademais, há discrepâncias entre o *blog* e o diário íntimo: o suporte material é diverso — o papel e a caneta dão lugar ao computador/celular; a recepção se dá de forma diversificada; e o contexto de produção também se difere.

No diário, escreve-se para um leitor virtual, que normalmente é a própria autora no futuro, falando, muitas vezes, no ambiente privado do lar no final do dia. Há um sigilo, certo tipo de segredo que se concretiza na escrita como uma forma de catarse, ou reflete-se nas experiências vividas. Já na produção memorialística virtual, os “segredos” querem ser revelados. A escrita pode ser em qualquer hora do dia e não mais apenas no campo privado, especialmente com o espaço e possibilidades que a tecnologia, em destaque o celular, tem alcançado. Tornou-se corriqueiro as pessoas comuns e midiáticas publicarem fotos de onde estão, desejando intensamente exibir-se para que os outros (seguidores, leitores, espectadores) as veja e as aceite (curtam, comentem, leiam). Esse fenômeno é chamado de “paradoxo do registro volátil”: “informações da memória que não têm o intuito de serem lembradas por um longo tempo, mas momentaneamente” (PEIXINHO, 2019, p.31). Antes, a escrita normalmente era diária (o próprio nome já denota diário); com o *blog*, há uma instabilidade nas datas das publicações, por vezes ultrapassando dois, três ou mais posts no dia. Varia, então, a quantidade de publicações de acordo com a necessidade e vontade da autora de *blog*.

Quanto ao contexto de recepção, pode-se observar claramente a diferença do leitor do diário íntimo, em teoria, a própria autora, e o leitor do *blog*. Neste último, com a possibilidade do diálogo entre autor e leitor a partir dos comentários, reconfigura-se a figura do receptor, que deixa suas impressões sobre as experiências reveladas, critica ou apoia seus depoimentos, sugere temas para postagens futuras etc. Algumas autoras preferem desabilitar os comentários, evitando manifestações desrespeitosas ou que não sejam de seu interesse. Como uma das características do *blog* é o acesso apenas daquele que o procura, é reduzido o número de considerações maldizentes ou ofensivas. Deixar habilitada a caixa de comentário só alimenta o interesse de o autor e leitor manterem o contato; é quando o virtual e o real se tocam. Em contrapartida, por vezes, os comentários não refletem as perspectivas da autora. Sobre o

*feedback* de seus leitores e o espaço da verdade nos posts de seu *blog*, Lee tece algumas considerações:

Desde quando criei o blog que, tudo o que escrevo ou desabafo, sempre vem alguém questionar se não será uma estratégia de marketing [...]

Ai que tolinhos e ingênuos! Vocês acham realmente que são os meus desabafos sentimentalóides que vão encher a carteira de clientes? Vocês acham realmente que, depois de ler um post meu, um homem sai correndo a pegar o telefone, tentando marcar um encontro para aquele mesmo dia? Vocês acham que, quando decide procurar uma acompanhante, a primeira coisa que um homem pensa é 'deixa eu cá ver se não encontro um blog de uma acompanhante bem legal, com quem eu possa ter um papo bacana'?

*Meus queridos, se fosse tudo estratégia de marketing, eu nem teria um blog!* Porque é por conhecer este mercado que digo: o blog pode funcionar mais contra do que a favor (LEE, 2012a, *online*, grifo da autora).

Surgem alguns questionamentos a partir deste post: se o efeito de escrever no *blog* não é positivo, por que continuar escrevendo? Por que não relatar suas vivências através de uma autoficção, preservando sua identidade pessoal e profissional? Essa desconfiança leitora tem raízes socioculturais, pois é corriqueiro ver pessoas que procuram criar uma imagem de si que lhe traga benefícios, mesmo que esta seja fantasiosa. Acredita-se que, caso a autora tenha uma história que a qualificasse como antiprofissional ou que traga à tona um grande segredo pessoal, exceto se ela mesma não quiser, a escritora poderia simplesmente omitir tal fato. Escrever memórias pressupõe uma seleção (SCHITTINE, 2004; LOBO, 2007; PEIXINHO, 2019). Pode-se considerar que a estratégia de *marketing* utilizada não seja a promoção de si, mas a não depreciação de suas escolhas, especialmente profissionais.

A produção memorialística em *blogs*, dessa forma, é uma rica fonte de observação de como as autoras afirmam-se e recriam-se, seja através de uma autoficção, seja através de uma autobiografia. No *blog* produzido por mulheres que se prostituem, pode-se vê-las para além de sua ocupação meretrícia. Muitos locais sociais, ao se falar das meretrizes como mães, amigas, filhas, trabalhadoras de outra ocupação ou esposas são, muitas vezes, silenciados dos discursos sociais, mas retomados quando elas se tornam autoras de sua própria história. Entende-se que a identidade se constrói de acordo com os valores adquiridos, que, por sua vez, são ressignificados constantemente nas diversas instâncias da vida cotidiana: o Estado, a família, a Igreja, a escola etc. (BOURDIEU, 2010). Nessa esteira, ao ler (auto)biografias de sujeitos considerados à margem da sociedade, como as prostitutas, o leitor pode, de certa forma, desmistificar estereótipos de cada categoria, não dando voz, mas

permitindo a escuta/leitura para a narrativa do outro, a fim de que este “outro” possa se revelar.

Compreendida como convenção social, a identidade é necessária para identificar e agregar os indivíduos em confrarias (BHABHA, 2010). Contudo, a participação em comunidades identitárias é transitória e não é exclusiva, afinal pode-se participar de diversos grupos identitários sincronicamente. De acordo com o surgimento de novos contextos, criam-se alianças com outros grupos, reconfigurando a comunidade a qual se sente pertencente. Cada espaço social possui suas leis intrínsecas que devem ser obedecidas para legitimar a permanência de um membro no grupo, entretanto as regras de uma das confrarias que o indivíduo faz parte chocam, ou até mesmo contradizem as regras de outras confrarias ocupadas. A partir da leitura de uma autobiografia, pode-se observar o sujeito, por exemplo, como sendo múltiplo, diferentemente da visão cartesiana do ser humano (BAUMAN, 2005; BHABHA, 2010).

Com a figura da meretriz não seria diferente. O trabalho no meretrício é apenas uma parte do que ela é. Todavia, especialmente após a Moral Cristã da Idade Média, a sociedade, objetivando estabelecer hierarquias a partir das identidades, relacionou essa mulher à ausência de dignidade, por não se inserir nos moldes de sua ordem social. Oprimir e segregar o diverso é uma forma de contenção social de quem subverte os valores morais vigentes. Por outro lado, historicamente, a representação das prostitutas não foi sempre depreciada. Antes de Cristo, segundo Fonseca (1982), muitas participavam do meio culto da sociedade e, por vezes, eram consideradas divindades.

De alguma maneira, tornar público a vivência particular dessas mulheres tem servido para tensionar preconceitos relacionados à imagem das prostitutas, possibilitando ponderações sobre uma diluição dos limites desses dois espaços em uma sociedade que, por muito tempo, limitou a mulher à esfera privada e considerou o ambiente público como, basicamente, masculino (BOURDIEU, 2010). A narrativa memorialística contemporaneamente, em especial a produzida no meio virtual, imbricou ambos os espaços, permitindo novas formas de lidar com a memória, com as relações sociais e com a (trans)formação identitária.

## REFERÊNCIAS

- AGUILLARA, B. *Fui prostituta na terra dos Samurais*. Rio de Janeiro: JAJ, 2009.
- ARFUCH, L. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p.54.
- BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BHABHA, H. *O Local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- FONSECA, G. *História da prostituição em São Paulo*. São Paulo: Resenha Universitária, 1982.
- HESS, R. Momento do diário e diário dos momentos. In: SOUZA, E.C.; ABRAHÃO, M.H.M.B. (Org.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2006. p.89-103.

- ISER, W. Atos de fingir ou o que é fictício num texto ficcional. In: COSTA LIMA, L. *Teoria da literatura em suas fontes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. v.2, p.384-416.
- KLINGER, D. *Escritas de si e escritas do outro: autoficção e etnografia na literatura latino-americana contemporânea*, 2006. 205f. Tese (Doutorado em Letras: Literatura Comparada) — Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. f.24.
- LEE, P. *Alugo meu corpo*. São Paulo: Editora Planeta, 2008.
- LEE, P. As 'estratégias de marketing' das acompanhantes. *Amante profissional*, 2012a. Disponível em: <<http://amanteprofissional.wordpress.com/2012/07/19/as-estrategias-de-marketing-das-acompanhantes-1/>>. Acesso em: 23 jul. 2014.
- LEE, P. O universo das acompanhantes (independentes) internacionais. *Amante profissional*, 2012b. Disponível em: <[http://amanteprofissional.com/2012/07/12/o-universo-das-acompanhantes-\(independentes\)-internacionais/](http://amanteprofissional.com/2012/07/12/o-universo-das-acompanhantes-(independentes)-internacionais/)>. Acesso em: 23 jul. 2014.
- LEITE, G. *Eu, mulher da vida*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- LEITE, G. *Filha, mãe, avó e puta*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p.14.
- LOBO, L. *Segredos públicos: os blogs de mulheres no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007 p.59.
- MOIRA, A. *E se eu fosse pura*. São Paulo: Hoo Editora, 2018.
- PEIXINHO, M. *Elas por elas: gênero, memória e identidade*. Beau Bassin: Novas Edições Acadêmicas, 2019. p.31.
- PINEAU, G. As histórias de vida como artes formadoras da existência. In: CLEMENTINO, E.; ABRAÃO, M.H. (Org.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2006. p.41-59.
- PINTO, J.P. *A leitura e seus lugares*. São Paulo: Estação liberdade, 2004.
- RIBEIRO, J.U. *A casa dos budas ditosos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
- RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007.
- SARLO, B. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p.9.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- SCHITTINE, D. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p.62.
- SHOMMER, A. *Dicionário de fetiches*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.
- SOUZA, E. *Janelas indiscretas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p.47.

**MANUELA CUNHA PEIXINHO** | ORCID iD: 0000-0002-3152-9068 | Instituto Federal da Bahia | Departamento Acadêmico de Línguas Vernáculas | R. Emídio dos Santos, s/n., Barbalho, 40301-015, Salvador, BA, Brasil | E-mail: <[manuelapeixinho@yahoo.com.br](mailto:manuelapeixinho@yahoo.com.br)>.

#### Como citar este artigo/How to cite this article

PEIXINHO, M.C. A escrita biográfica feminina contemporânea: ressignificando o eu da *Internet*. *Pós-Limiar*, v.2, n.2, p.203-214, 2019. <http://dx.doi.org/10.24220/2595-9557v2n2a4670>

Recebido em 21/6/2019 e aprovado em 15/8/2019.